



A condição animal. Breve reflexão teológica

Recebido: 25/10/2016. Aprovado: 25/11/2016.

*Afonso Tadeu Murad**

*Marco Túlio Brandão Sampaio Procópio***

Resumo: *Existe atualmente um genocídio sistemático contra as outras espécies deste planeta, através das diversas formas de exploração animal, como alimentação, entretenimento ou experimentação científica. Ela encontra respaldo na omissão da teologia cristã. O cristianismo ocidental carrega um histórico controverso na relação com as outras criaturas da comunidade de vida, seja pela legitimação dada por Santo Agostinho e por São Tomás de Aquino para a exploração animal, seja pela relação fraterna experimentada por São Francisco de Assis com toda a Criação. Faz-se necessária uma nova relação entre o ser humano e a Criação, sobretudo com os seres sencientes. Os olhares da filosofia moral e da teologia da libertação animal apontam para tal mudança. O presente trabalho apresenta a questão da condição dos animais na sociedade contemporânea à luz da teologia, seguindo de forma livre o método ver, julgar e agir.*

Palavras-chave: *Criação. Teologia da libertação animal. Exploração animal.*

Abstract: *There is currently a systematic genocide against the other species of this planet through various forms of animal exploitation, such as food, entertainment or scientific experimentation. It finds support in the omission of Christian theology. Western Christianity bears a controversial history in the relationship with the other creatures of the community of life, whether is by the legitimation given by St. Augustine and St. Thomas Aquinas for animal exploitation, or by the fraternal relationship experienced by St. Francis of Assisi with all Creation. A new relationship between the human being and the Creation is necessary, especially with the sentient beings. The view of the moral philosophy and of the theology of animal liberation points to such a change. The present work presents the issue of the condition of the animals in the contemporary society in the light of theology, following in a free way the see-judge-act method.*

Keywords: *Creation. Theology of animal liberation. Animal exploitation.*

* Doutor em teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), Roma. Professor na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) e no Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA), ambos em Belo Horizonte. Pesquisador em Ecoteologia. Orientador deste artigo.

** Mestrando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Bolsista da Capes. Graduado em Ciências da Religião pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), MG.





Introdução

Existe atualmente uma exploração animal realizada por nós, seres humanos, orquestrada pela tradição moral antropocêntrica que perpetuamos, e que encerra relações de violência e dominação. A cada dia ocorre um silencioso genocídio sistemático e estrutural, uma chacina cotidiana, processos de tortura, disfarçados sobre os signos de alimentação, vestuário, experimentação científica e entretenimento, entre outros.

A tradição cristã carrega em sua história uma posição controversa na relação com as outras criaturas da comunidade de vida terrestre, seja através da legitimação dada por Santo Agostinho e por São Tomás de Aquino para a exploração animal pelo homem, seja através da relação fraterna anunciada e experimentada por São Francisco de Assis com toda a Criação. Face a atual realidade, a filosofia moral pode contribuir para discutir essa questão, refletindo sobre ética, direitos animais e os seres incluídos na esfera de moralidade. A partir dessa contribuição e da denúncia de exploração, reflete-se sobre uma possível resposta da teologia cristã para a questão, compondo uma teologia da libertação animal.

O profeta Natã, no Antigo Testamento, para denunciar a injustiça cometida por Davi, recorre a uma alegoria para depois identifica-la como sendo seu próprio caso. Davi comete adultério com a esposa de Urias, um soldado que lutava pelo seu próprio reino. Engravidando-a, dá ordens então para que Urias batalhe na linha de frente e para que outros não fiquem em sua retaguarda, para que ele assim venha a morrer. Tendo cometido o crime, Natã é enviado em seguida por Javé a Davi, narrando a ele uma história alegórica onde um homem comete uma injustiça. Ao se irar com a injustiça cometida pelo homem na alegoria narrada pelo profeta Natã, este logo responde ao rei: “Esse homem és tu!”.

¹ O Senhor, pois, enviou Natã a Davi. E, entrando ele a ter com Davi, disse-lhe: Havia numa cidade dois homens, um rico e outro pobre. ² O rico tinha rebanhos e manadas em grande número; ³ mas o pobre não tinha coisa alguma, senão uma pequena cordeira que comprara e criara; ela crescera em companhia dele e de seus filhos; do seu bocado comia, do seu copo bebia, e dormia em seu regaço; e ele a tinha como filha. ⁴ Chegou um viajante à casa do rico; e este, não querendo tomar das suas ovelhas e do seu gado para guisar para o viajante que viera a ele, tomou a cordeira do pobre e a preparou para o seu hóspede. ⁵ Então a ira de Davi se acendeu em grande maneira contra aquele homem; e disse a Natã: Vive o Senhor, que digno de morte é o homem que fez isso.



⁶ *Pela cordeira restituirá o quádruplo, porque fez tal coisa, e não teve compaixão.* ⁷ *Então disse Natã a Davi: Esse homem és tu! [...] A Urias, o heteu, mataste à espada, e a sua mulher tomaste para ser tua mulher; sim, a ele mataste com a espada dos amonitas.* ¹⁰ *Agora, pois, a espada jamais se apartará da tua casa.* (2 Sam 12,1-10)

À luz da espiritualidade franciscana, denuncia-se a atual condição de injustiça perpetrada contra os animais pelos seres humanos no mesmo tom, recorrendo a essa figura de linguagem. Um homem tem vários irmãos e irmãs, e coabitam todos na mesma casa. Ele é o responsável pela casa e pelos irmãos, pois é o único capaz de cuidar de todos, de gerir a casa, de zelar pela família. Porém, em determinado momento, esse homem se apodera da casa, escraviza a uns, tortura a outros, mata ainda muitos deles. Subjuga a casa inteira e faz dela conforme sua própria vontade. O que se poderá dizer dessa pessoa? “Esse homem és tu!”, Ecoa aqui também a voz profética de Natã. Tal homem é todo ser humano que não desassina o contrato de exploração animal herdado e perpetuado por séculos. É cada ser humano que se apodera da Criação e de nossa Casa Comum e age conforme seus desejos de poder.

1 Mecanismos de opressão

Há pelo menos dois mecanismos de opressão que relegam os animais a uma condição de sofrimento inescapável. O primeiro consiste na exploração insana da biosfera, que gera consequências devastadoras para os animais, levando muitas espécies à extinção. O segundo, foco principal desse trabalho, é a ação direta de explorar os animais para fins humanos diversos, como alimentação, entretenimento ou experimentação científica.

1.1 Os animais e os impactos da degradação da casa comum

Com o advento da era industrial e novos mecanismos de exploração da Terra, mais eficientes e mais destrutivos, com a intensificação da cultura de consumo, entre outros fatores, aumentou-se cada vez mais o número dos animais afetados pela predatória ação humana sobre o planeta. “Estimativas dizem: entre 1500-1850 foi presumivelmente eliminada uma espécie a cada 10 anos. Entre 1850-1950 uma espécie por



ano. A partir de 1990 está desaparecendo uma espécie por dia”¹. Também um relatório do *Worldwatch Institute*, de 2012, sobre o estado da Terra, alerta-nos sobre a gravidade do impacto da crise ecológica atual sobre os animais, crise essa que é fruto de ações humanas.

*[...] calcula-se que a velocidade com que as espécies estão desaparecendo seja até mil vezes maior do que na época pré-industrial. Denominada pelos cientistas de “sexta extinção em massa” na história da Terra, é a única causada por uma criatura viva: o ser humano. As outras cinco extinções em massa ocorreram há muito tempo; a última e mais famosa foi há 65 milhões de anos, no final do período cretáceo, quando os dinossauros foram extintos*².

As raízes dessa extinção em massa, cujos mecanismos são consonantes com os da degradação da casa comum, são diversas, e já encontram forte oposição na Igreja Católica, sendo brilhantemente acenadas pelo Papa Francisco em sua encíclica *Laudato Si’* (LS). Nesta, o Papa aponta as causas, consequências e possíveis linhas de orientação e ação para a atual crise ecológica³. Denuncia a extinção das espécies e a diminuição da biodiversidade (LS 32-42).

Há, porém, uma forma de exploração animal que não encontra devida atenção na Igreja e na teologia cristã, e que nem mesmo esta Encíclica foi capaz de denunciar. É verdade que ela apresenta progressos nesse sentido, sustentando que todos os seres (inclusive os animais) têm valor em si mesmos, e não apenas instrumental (LS 33,69). Porém, na causa animal, a Encíclica ainda “continua insuficiente e a meio caminho. Será preciso avançar na esteira da ética e da teologia da libertação animal, em consonância com a ecologia integral proposta pelo Papa”⁴. Tal forma de exploração animal é reforçada diariamente pelas decisões de consumo de grande parte dos seres humanos.

¹ BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000, p. 15. Os dados citados compreendem até o ano 2000.

² THE WORLDWATCH INSTITUTE. *Estado do Mundo. 2012*. Disponível em: <http://www.worldwatch.org.br/estado_2012.pdf>, p. 190.

³ PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si’ – Sobre o Cuidado da Casa Comum*. São Paulo: Loyola, 2015.

⁴ ZAMPIERI, Gilmar. A Encíclica *Laudato Si’* e os animais. In: *Cadernos Teologia Pública*, ano XII, v. 13, n. 110, São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2016, p. 17.



1.2 Campos de concentração animal

Luís Carlos Susin e Gilmar Zampieri⁵ (2015) classificam as relações de exploração entre seres humanos e animais em cinco “campos de concentração”: animais de estimação; animais como entretenimento; animais como instrumentos de pesquisa; animais como utensílio; e animais para alimentação. Considerar os animais como mera propriedade humana perpassa todos eles.

No primeiro campo, animais de *estimação*, é assinalado que muitas pessoas têm real interesse em cuidar dos “pets”, mas a exploração esconde-se por vezes de forma sutil. Alguns levam seus animais para cortarem as orelhas ou rabos para fins estéticos; outros submetem seus animais a tratamentos violentos para lhes “educarem”. Há quem abandona seu animal à própria sorte. Considera-se ainda os animais apreendidos em seu *habitat* e levados para serem de “estimação”, como pássaros engaiolados.

No segundo campo, animais como *entretenimento*, acena-se para a cruel realidade de animais de zoológico, submetidos a espaço reduzido, falta de sociabilidade, estresse etc., pois são privados de seu habitat natural e das exigências de sua própria espécie. Fala-se das touradas e rodeios, que são formas covardes de “divertimento” para aqueles que conseguem se entreter com a tortura de animais, levando-os por vezes à morte. Aponta-se para os animais de circo, como tigres, ursos, chipanzés, elefantes, e leões dóceis e resignados. Esses animais são privados da forma própria de existir de sua espécie para agir conforme o capricho humano, e submetidos para isso a pancadas, torturas e ferimentos enquanto são adestrados. Há ainda as rinhas e as caças esportistas.

No terceiro tipo de “campo de concentração”, *animais como instrumentos de pesquisa*⁶, fala-se das práticas de dissecação e vivissecação em ambientes de educação, práticas desnecessárias para as quais já se tem numerosas alternativas. Mata-se ou abre-se animais vivos para demonstrações fisiológicas ou anatômicas, enquanto se tem à disposição outras opções, com o advento de novas tecnologias. Discute-se também sobre os dolorosos mecanismos de testes em animais para pesquisa

⁵ SUSIN, Luiz Carlos; ZAMPIERI, Gilmar. *A vida dos outros: ética e teologia da libertação animal*. São Paulo: Paulinas, 2015.

⁶ Ver a este respeito RIECHMANN, Jorge. *Todos los animales somos hermanos*. Madrid: La Catarata. 2005a, p. 133-152 (cap 7: La experimentación con animales).



científica, animais estes submetidos a cruéis procedimentos para fazer experimentos dos quais nada irão se beneficiar. Contesta-se acerca da necessidade e validade desses testes.

No quarto campo, *animais como utensílios*, Susin e Zampieri trazem a excruciante realidade das indústrias de pele, couro e lã, que roubam a pele de outros animais (que as têm por natureza) para atender aos vãos interesses estéticos do consumidor. Mercado altamente lucrativo, provoca imenso sofrimento aos animais.

No quinto campo, *animais para alimentação*, discute-se mais amplamente e detalhadamente, pois é a zona de maior extensão (onde se encontram o maior número de animais, de forma incomparável). E também aquele que mais sutilmente é fortalecido pelas ações cotidianas de cada ser humano e praticamente impercebível aos sentidos desatentos⁷. Estima-se que 50 bilhões de animais sejam mortos por ano para tornar-se carne nos pratos, o que significa “140 milhões de animais mortos a cada dia, mais de 5 milhões de animais mortos a cada hora, 90 mil a cada minuto e 1500 a cada segundo”⁸.

Neste quinto campo de concentração, os mecanismos de disfarce são sutis. O número tão imenso de animais abatidos e a consequente interpelação moral passa pelo consentimento do consumidor porque não nos esforçamos para associar a parte do animal ao processo de matança e esquarteramento que a levou ao nosso prato. “É mais fácil ver na peça uma mercadoria qualquer”⁹. Além disso, também pela linguagem somos dissuadidos do significado do que se compra. Diz-se bife ou picanha, e não um boi; fala-se costelas e pernis, e não porco; diz-se vitela, e não bezerro. Como alertam os autores, até mesmo a pecuária industrial esconde o significado de “indústria de produção de animais para a morte”¹⁰.

Os chamados frangos de corte são submetidos a uma vida curta de no máximo 40 dias (a expectativa de vida natural é de cerca de 7 anos), presos em um espaço minúsculo durante toda sua vida. As galinhas poedeiras são tomadas como uma máquina de botar ovos, que dura apenas dois anos (expectativa também de 7 anos). Depois são levadas para o

⁷ Ver também RIECHMANN, 2005, p. 157-200 (cap 8: Comerse el mundo. Sobre ecología, ética y dieta).

⁸ SUSIN; ZAMPIERI, 2015, p. 48.

⁹ SUSIN; ZAMPIERI, 2015, p. 49.

¹⁰ SUSIN; ZAMPIERI, 2015, p. 50.



abate após uma existência de imenso sofrimento. Os pintinhos machos, desprovidos da capacidade de botar ovo, são mortos assim que nascem, ou jogados em latas de lixo, ou triturados para virar ração para outras galinhas. Ou ainda colocados em saco plástico e depois esmagados por um trator.

A crueldade é similar para bois, vacas e porcos. Os bovinos (“de corte”) prematuramente são isolados da mãe e enfrentam o descorne (arranque dos chifres), marcação e castração, frequentemente sem anestésico. As vacas leiteiras são tratadas como máquinas de produzir leite, e sobrevivem apenas por cerca de 5 anos, confinadas e submetidas aos imparáveis processos de gravidez, lactação e amamentação, enquanto na vida natural viveriam em média 20 anos. Os bezerros são afastados da mãe logo que nascem (as quais muge por dias, inconsoladas) e encaminhados, ou para serem vendidos para o abate, ou para se tornarem carne de vitela (outro cruel processo), ou novas vacas leiteiras, no caso de bezerras. Os porcos são obrigados a estar em habitações desconfortáveis e pequenas, convivendo com a própria urina e excrementos e submetidos a altíssimo estresse.

Os aspectos citados no quinto “campo de concentração” ainda nem sequer levam em consideração os mecanismos de manejo e abate, que também merecem atenção.

Tal relação com os animais encerra uma mentalidade de propriedade e perspectiva de coisificação. Eles não são considerados como “um outro ser vivo” que merece respeito, e sim uma coisa. Na medida em que em nossas decisões diárias sobrepõem nossos interesses aos daqueles que clamam por dignidade, perpetua-se a injustiça contra nossos irmãos coabitantes dessa Casa Comum. E se coloca então o candente tema dos “direitos dos animais”, que não será objeto de nosso estudo¹¹.

2 Três olhares sobre a realidade

Após este panorama acerca dos animais-oprimidos, será feito um julgamento crítico, sob três diferentes ângulos: a tradição cristã, a filosofia moral e a teologia. Cada olhar, a seu próprio modo, contribuirá para elucidar a questão e lançar luz à situação.

¹¹ Acerca da questão jurídica e filosófica dos “direitos dos animais”, conferir RIECHMANN, 2005a, p. 217-239.



2.1 Breve olhar da tradição cristã ocidental acerca dos animais

Nesse tópico irá se considerar brevemente o pensamento de três grandes expoentes da tradição cristã ocidental sobre a questão animal. Dois que apresentam uma perspectiva legitimadora da exploração animal, quais sejam Agostinho e Tomás de Aquino, e um que encarna uma alternativa ética a partir de sua própria experiência, Francisco de Assis.

Agostinho estabelece, em *A Cidade de Deus*, uma hierarquia que ele considera como natural. Propõe uma gradação que vai desde os seres vivos até os anjos, tendo como critério as faculdades que cada ser dispõe. Assim, os vivos são superiores aos não vivos; entre os vivos, os sencientes são superiores aos não sencientes, como os animais são superiores às árvores; entre os sencientes, os que têm inteligência são superiores aqueles que não as têm, como os homens são superiores aos animais; entre os que têm inteligência, os imortais são superiores aos mortais, como os anjos são superiores aos anjos. Ainda na mesma obra, depois de afirmar que o mandamento *Não Matarás* se aplica também ao próprio indivíduo, reflete em seguida sobre se o mesmo mandamento pode ser empregado também aos animais. E dá a seguinte resposta:

Arredemos pois estes devaneios e quando lermos não matarás não incluamos nesta proibição as plantas que carecem de sensibilidade, nem os animais irracionais, tais como as aves, os peixes, os quadrúpedes, os répteis, diferentes de nós na razão pois que a eles não foi concedido participar dela conosco. Por justa disposição do Criador, a sua vida e a sua morte estão ao nosso serviço. Só nos resta concluir que temos de aplicar apenas ao homem as palavras não matarás – nem a outro nem a ti próprio matarás pois quem a si próprio se mata, mata um homem.¹²

Também em outra obra, *Costumes da Igreja católica e dos maniqueus*, defende a prioridade de interesses¹³ do ser humano em relação aos interesses dos animais, recorrendo mais uma vez a sua hierarquia que vai do menos perfeito ao mais perfeito.

¹² SANTO AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*. Tradução, prefácio, nota biográfica e transcrições de J. Dias Pereira. vol. I. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996. p. 158.

¹³ O tema da relação entre os interesses dos animais e dos humanos foi desenvolvido, em perspectiva ecocêntrica, por RIECHMANN, Jorge. *Un mundo vulnerable*. Madrid: La Catarata, 2005b, p.2-22, 28.



Não há pecado em usar algo para o fim a que se destina. Ora, a ordem das coisas é tal que o imperfeito é feito para o perfeito. Assim, as coisas como plantas, que meramente têm vida, são para os animais, e todos os animais são para o homem, portanto, não é proibido aos homens utilizar plantas para o bem de animais, e animais para o bem do homem.¹⁴

Para ele, o que diferencia os seres humanos dos animais e faz que estes estejam à disposição daqueles é o critério de racionalidade. Assim, não se compõe uma voz dissonante da tradição moral antropocêntrica, pois ainda que coloque os anjos como sendo superiores aos seres humanos, isso não diminui o poder de domínio destes sobre a terra¹⁵.

Tomás de Aquino segue a mesma linha de argumentação na *Suma Teológica* e na *Suma contra os gentios*. Para ele, também o menos perfeito está para o mais perfeito, e cada componente da hierarquia existe para servir aquele que se encontra no degrau superior. O homem como sendo *animal racional* (retomado de Aristóteles), está no topo da pirâmide, de forma que tudo o mais está a seu serviço, e é instrumento e meio para si. Para ele, não há como pecar contra um animal, mas apenas contra Deus ou outros homens. Deve-se até evitar maus tratos com animais, mas somente porque isso pode inclinar o ser humano a ser cruel com seu semelhante¹⁶.

Um exemplo de voz alternativa na relação dos seres humanos com os animais é a de Francisco de Assis, que assumiu, após seu processo de conversão, uma ética integral que se irmana com toda a Criação. Sua espiritualidade assume profunda integração e irmandade com tudo o que existe, chamando a todos de irmãos e irmãs, sejam animais, vegetais, e até mesmo o Sol, a Lua, o fogo, o vento, a água, a terra e as pedras. Tal relação é retratada no *Cântico das Criaturas*. A relação com as outras criaturas deixa de ser vertical para tornar-se horizontal. Abandona-se a imagem de instrumentalização, para se assumir a de coabitação.

Exemplos dessa espiritualidade podem ser observados em inúmeras passagens de sua vida, como quando ele remove da estrada minhocas para que não fossem pisoteadas pelas rodas das carroças, ou quando tenta

¹⁴ MARTINS, Natália Luiza Alves. *A proteção jurídica dos animais no direito brasileiro: por uma nova percepção do antropocentrismo*. Dissertação de mestrado, UNIFOR, 2012, p. 16.

¹⁵ Cf. SUSIN; ZAMPIERI (2015).

¹⁶ Cf. SUSIN; ZAMPIERI (2015).



apaziguar o lobo de Gubbio, quando conversa e prega aos animais etc. Sua atitude era sempre a de irmanar-se com todos e de não violência.

*Um dia, estando sentado numa barca, perto de um porto no lago Riéti, e tendo um pescador apanhado um magnífico peixe, uma tenca, veio respeitosamente oferecer-lho. Francisco aceitou-o com alegria e benevolência, chamou-lhe seu irmão e, atirando-o de novo à água, pôs-se a glorificar devotamente o nome do Senhor. Enquanto durou a oração, o peixe nadou em redor da barca. E só se afastou quando o santo, terminada a oração, lhe permitiu que se fosse.*¹⁷

“Há relatos semelhantes desse tratamento fraterno também com cordeiros, aves, lebres, entre outros”¹⁸. E assim como São Francisco, outros santos também poderiam ser citados como exemplos da dissociação cristã em relação a ética antropocêntrica, como seu precursor, São Basílio, e também São Boaventura e São Crisóstomo¹⁹. O exemplo de São Francisco de Assis nos convida a encarnar espiritualidade semelhante, e nos interpela a viver a prática da fraternidade com toda a Criação, principalmente nos tempos atuais, nos quais se intensifica a relação predatória do ser humano com os animais.

2.2 Reflexão à luz da filosofia moral

A postura hegemônica atual incorpora uma ética antropocêntrica excludente, já que o ser humano é o centro da esfera exclusiva de consideração moral. Por exemplo, o interesse de consumir a carne de um animal tem primazia jurídica sobre o interesse desse animal de viver. A filosofia moral pode contribuir para a superação desta “inconsciência”, destrinchando os fundamentos que sustentam e embasam a perspectiva antropocêntrica exclusivista.

A ética antropocêntrica²⁰ despótica estabelece como critério para participar da comunidade merecedora de consideração moral a posse da

¹⁷ CORBISIER, 1973, p. 110.

¹⁸ PROCÓPIO, Marco Túlio Brandão Sampaio. *Antropocentrismo e biocentrismo na Igreja Católica Apostólica Romana: uma análise do catecismo*. Monografia. Universidade Estadual de Montes Claros: Montes Claros, 2014, p. 27.

¹⁹ Cf. FELIPE, Sônia T. *Por uma questão de princípios: alcance e limites da ética de Peter Singer em defesa dos animais*. Florianópolis, SC: Fundação Boiteux, 2003.

²⁰ RIECHMANN (2005b, p. 27-28, 33) distingue o *antropocentrismo moral forte*, que exclui os outros seres como dignos de consideração moral, do *antropocentrismo débil*, que embora coloque o ser humano como sede e medida de valor, leva em conta os



razão, “constituída pelas habilidades do pensar, raciocinar, inteligir, e tirar conclusões lógicas a partir de premissas válidas”²¹. A partir disso, o que não é humano tem apenas valor instrumental, podendo ser usado conforme seu interesse, uma vez que é o único incluído por esse critério na esfera de consideração moral. Os animais, conforme tal ética, têm apenas valor instrumental. São meios para um fim, que é o ser humano. Não comportam nenhum valor inerente. Uma espécie exerce poder sobre todas as demais, arrogando-se direito legítimo sobre suas vidas.

Uma vez que o critério para fazer parte da comunidade com direito a consideração moral seria a posse da razão (pensar, raciocinar, inteligir e tirar conclusões), como ficam aqueles seres humanos que não a tem nesse formato? Como considerar aqueles que não possuem tal habilidade? Os bebês, os idosos em alto grau de dependência e sem autonomia cognitiva, as pessoas com necessidades especiais que apresentam alto nível de debilidade mental? Nesses casos, a sociedade não os excluem, antes os protegem.

Dessa forma, o discurso ético antropocêntrico é, em si, contraditório, pois enquanto defende a necessidade da posse da razão para fazer parte da esfera de consideração moral, não nega direitos aos humanos que não possuem essa habilidade, como bebês ou idosos (em certas condições) ou indivíduos portadores de necessidades especiais que apresentam alguma debilidade mental, seja por formação congênita ou por acidente. “Para esses casos não se defende a exclusão da comunidade moral, mas a total legitimidade de seus direitos, inclusive o direito à vida, mesmo em casos onde o sujeito não pode reclamá-la”²².

Nesse contexto, apresenta-se uma discriminação inerente ao discurso antropocêntrico exclusivista, pois a mesma condição em seres humanos e animais garante direitos ao primeiro e nega-os ao segundo. A ética antropocêntrica apresenta aqui, portanto, uma contradição, “ferindo as exigências de universalidade, generalidade e imparcialidade,

interesses dos outros habitantes do planeta. O segundo seria compatível com um biocentrismo equilibrado, que considera também a especificidade do humano. Já o Papa Francisco, na *Laudato Si*, utiliza o termo “antropocentrismo despótico” ou “desordenado”, aquele que ignora o valor intrínseco de cada criatura (LS 68, 118,119).

²¹ FELIPE, Sônia T. Ética Biocêntrica: Tentativa de superação do antropocentrismo e do sencientismo éticos. In: *ethic@*, Florianópolis, v. 7, n. 3, p. 01 – 07. Dez/2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/1677-2954.2008v7n3p1/21835>>, p. 01.

²² PROCOPIO, 2014, p. 12.



que configuram um princípio como válido racionalmente²³. A essa discriminação, denomina-se *especismo*.

Este termo foi criado pelo cientista e filósofo Richard D. Ryder, que a utilizou primeiramente em um panfleto distribuído em 1973, e, definitivamente, em 1975, ao escrever *Victims os Science*²⁴.

Tal conceito é análogo ao racismo e ao sexismo, que são linhas de discriminação na qual não se reconhece a terceiros direitos simplesmente por possuírem um componente biológico diferente da qual o grupo dominante possui, seja esse componente a cor da pele, o sexo, ou a constituição biológica (no caso do especismo). Assim, nega-se direitos a negros simplesmente por nascerem com determinada cor da pele, nega-se direitos a mulheres simplesmente por serem do sexo feminino, e nega-se direitos a animais simplesmente por possuírem diferente composição biológica. (PROCOPIO, 2014, p. 12).

Mesmo que todos os seres humanos fossem contemplados pelo critério da razão e através desse crivo fizessem parte da comunidade merecedora de consideração moral, a eleição dessa habilidade como critério é, em si, especista, pois exclui de imediato os animais, desconsiderando que eles apresentam todas as condições necessárias para a própria existência. A posse da razão (nos moldes humanos) foi uma habilidade desenvolvida apenas da nossa espécie, e não das demais, pois as habilidades que essas espécies possuem lhes bastam e lhes são suficientes para garantir-lhes a vida. Elas não necessitaram, ao longo da história da evolução, desenvolver a razão tal como nós necessitamos, o que, por sua vez, não significa que eles não tenham uma razão própria²⁵.

Do ponto de vista da filosofia moral, é necessário incluir os animais, sobretudo os mamíferos, seres sencientes, na comunidade moral. A ampliação desta inclui tanto os agentes morais que tem responsabilidade (os humanos), quanto os pacientes morais (os outros animais)²⁶. Este filósofo e ambientalista espanhol defende “um critério material de justiça baseado nas capacidades sensoriais, emocionais e intelectuais típicas das diferentes classes de animais, frente a outros possíveis critérios, particu-

²³ FELIPE, Sônia T. Racionalidade e Vulnerabilidade. Elementos para a redefinição da sujeição moral. In: *Veritas*, Porto Alegre, v. 52, n. 1, p.184 – 195. Março/2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/1868/1398>>, p. 187.

²⁴ Cf. FELIPE, 2003.

²⁵ Cf. PROCOPIO, 2014.

²⁶ RIECHMANN, 2005a, p. 63-80



larmente frente ao especismo, que traça uma divisão injustificada entre nossa própria espécie e todas as outras”²⁷. Tratar aos semelhantes como semelhantes e aos diferentes como diferentes implicará abster de causar sofrimento aos animais. Mas não significa considerá-los como se fossem humanos, pois existem diferenças relevantes. Assim, os direitos serão diferentes. Não se concedem aos outros animais direito de expressão ou liberdade de voto. Os direitos potencialmente reconhecíveis a um ser vivo dependem das características próprias dele²⁸.

2.3 Reflexão da teologia da libertação animal

A teologia cristã e a hermenêutica bíblica têm correntes com um viés marcadamente antropocêntrico excludente e até mesmo androcêntrico²⁹. Entretanto, há alternativas teológicas que compõem um discurso alternativo e que permitem uma releitura das Escrituras e a construção de uma teologia com caráter libertador. Nesta esteira encontra-se a teologia da libertação, que reflete a teologia cristã a partir da realidade social dos pobres e oprimidos, e particularmente da realidade sócio-cultural latino-americana. Uma vez que ela visa promover a conscientização e libertação dos oprimidos quanto as estruturas de opressão, as categorias podem ser transpostas para outras realidades nas quais existem tais mecanismos opressores.

*Nesse ponto, precisamos reconhecer que, ao lançarmos mão de textos e autores da teologia da libertação, temos ciência que foram direcionados ao humano latino-americano explorado e apropriado, mas entendemos que essas categorias da libertação, bastante enfatizadas em nossa teologia latino-americana, são essencialmente categorias bíblicas e podem ser transpostas a toda situação de cativo, inclusive a dos animais não humanos. É necessário expandir a inclusão dos que sofrem porquanto a obra de Cristo pressupõe a restauração de todas as coisas.*³⁰

Susin e Zampieri, citando o filósofo Karl Jaspers, sinalizam para a presença de uma era pré-axial e uma era axial nos Escritos Bíblicos,

²⁷ RIECHMANN, 2005a, p.73.

²⁸ RIECHMANN, 2005a, p.74-75.

²⁹ Cf. PALHANO, Jerson José Darif; SANCHES, Mário Antonio. Sobre os animais não humanos: um resgate teológico. In: *Revista BioEthikos*, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 287-299, jul/set 2012.

³⁰ PALHANO; SANCHES, 2012, p. 292.



sendo esta caracterizada por “um tempo em que a ética da compaixão universal começava a substituir lentamente a forma de vida dos tempos anteriores, pré-axiais”³¹. A era axial abrange aproximadamente de 900 a 200 a. C., e uma de suas características é o início lento e gradativo da crítica, substituição e eliminação dos rituais de sacrifício.

Os autores, recorrendo as reflexões de René Girard, apontam o sacrifício como sendo a “concentração e a sacralização da violência humana”³². Eles explicam dizendo que os sentimentos recalcados de cobiça, inveja, ciúme, rivalidade, rixas, soberba, e outros, acumulam-se no coração até que tornam a convivência social insuportável, a ponto de terem de recorrer a algo em que se expie esse sentir, que é o “bode expiatório”. Nele se esvai toda a inquietação do coração humano, toda a violência acumulada. Tudo é transmitido a outro ser e com ele é eliminado. A narrativa abraâmica de substituição do sacrifício do primogênito pelo cabrito ilustra um episódio da era axial, que critica o sacrifício. Abraão rompe com o passado, com a tradição de seu clã e dá novo futuro a vida de seu filho. Reconhece nele um inocente, nega-se a sacrificá-lo e dá com isso um imenso passo de ruptura.

Com relação a segunda parte da história, em que Abraão toma um cabrito no lugar do filho e o oferece em sacrifício, os autores advertem que se deve considerar que nessa narrativa axial existem influências de tradições diferentes, uma profética, e outra sacerdotal, portanto do Templo (que busca justificar a existência de sacrifício de animais). Na tradição profética a voz segue quase em um mesmo tom, denunciando o sacrifício como sendo contrário a vontade de Deus³³. Os autores acenam também para o fator histórico-evolutivo, afirmando que era impossível acabar de imediato com o ritual de sacrifícios. Isso aconteceria gradativamente. Assim, pode-se dizer que, Abraão, ao substituir o sacrifício do filho pelo do cabrito realiza na última hora uma “concessão à dureza do coração”³⁴.

A voz dos profetas encontra amplitude máxima na vida de Jesus Cristo, principalmente em sua prática. Apesar de não ter feito nenhuma crítica específica aos ritos sacrificiais, atinge o coração da religião sacrificial ao desafiar o Templo de Jerusalém. Enquanto outros profetas de-

³¹ SUSIN; ZAMPIERI, 2015, p. 169.

³² SUSIN; ZAMPIERI, 2015, p. 181.

³³ Jr 7, 5,6. 22-23a. 31-32; Mq 6, 6-8; Is 1, 11-13. 15b-17; Os 8, 11.13; Am 5, 21-22. 24-25.

³⁴ SUSIN; ZAMPIERI, 2015, p. 239.



nunciam corajosamente essas práticas como sendo contrária a vontade de Deus, Jesus age com mais coragem expulsando com chicote mercadores e comerciantes de animais, inclusive libertando vários destes animais para os quais o infeliz destino era o sacrifício, como ovelhas, bois e pombas (Jo 2, 13-17). Leva a perfeição a palavra profética encarnando-a em seu próprio agir. Coloca-se contra a prática religiosa que mercantiliza as relações com Deus e faz do sangue inocente um instrumento de reparação.

O mais elevado grau de reconciliação operado por Jesus reside no mistério pascal. O evangelho de João evoca a imagem de Cordeiro de Deus para se referir a Jesus. Jesus Cristo é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1,29.36). A partir dessa imagem, Jesus assume o lugar antes ocupado pelos animais para ele próprio entregar sua própria vida como sacrifício, libertando e reconciliando de uma vez por todas não somente a humanidade, mas toda criatura, toda a Criação. “Jesus liberta do sistema sacrificial não passando por cima, mas atravessando ao meio, carregando sobre si as misérias e a violência do sistema, sem, por sua vez, praticar o sacrifício, o que seria a volta da violência”³⁵.

Outros elementos teológicos são apresentados pelos autores, como a narrativa da Criação, na qual se diz que a dieta humana era apenas vegetariana, com frutos, ervas e sementes³⁶ (a carne como alimento veio somente no estado de pecado), o episódio de Noé, o resgate positivo da imagem da serpente etc.

3 Possibilidades de ação

O encontro, às vezes promovido pela denúncia, permite-nos identificar os oprimidos e crucificados deste mundo (e nos identificarmos com eles), assim como as estruturas que criam a opressão. Neste artigo, vimos brevemente a injusta situação dos animais no mundo atual e os mecanismos de opressão, denominamos por Susin e Zampieri como “campos de concentração”. A reflexão nos levou *julgar* com análise crítica. O olhar da tradição apresentou-nos a alternativa franciscana; a filosofia moral demonstrou a discriminação especista da ética antropocêntrica estrita. O olhar da teologia da libertação animal revelou a injustiça contra os animais como contrária à vontade de Deus. Anunciou a reconciliação de toda a Criação realizada pelo sacrifício de auto-entrega de Jesus Cristo.

³⁵ SUSIN; ZAMPIERI, 2015, p. 241.

³⁶ Gn 1,29-30.



Dessa forma, a tradição, a filosofia moral e a teologia nos permitiram fazer um sensato juízo e apontar um sentido a seguir. Resta agora a *agir*.

A mudança de atitudes comporta atitudes cotidianas de cada consumidor, que, consciente das consequências de suas escolhas, opta por não perpetuar o sofrimento e a exploração dos animais. Neste sentido, o veganismo surge com alternativa oportuna e extremamente saudável³⁷.

O Papa Francisco, na *Laudato Si*, propõe uma “conversão ecológica” (LS 216-221). Segundo ele, tal conversão comporta, simultaneamente, atitudes pessoais de cuidado com todos os seres e o planeta, como também ações coletivas, comunitárias e cidadãs. Exige também políticas públicas e uma reordenação da cadeia produtiva. Além disso, ele convida a todos a adotar um outro estilo de vida, “capaz de gerar profunda alegria sem estar obcecado pelo consumo” (LS 222). Já o filósofo Jorge Riechmann, na sua obra *Todos los animales somos hermanos*, enumera, além disso, a substituição do modelo de produção da agricultura e da pecuária, restrição severa a experimentos científicos com animais, supressão de eventos que impliquem violência e sofrimento contra eles, e garantir largas áreas de preservação para que as plantas e os animais floresçam com liberdade³⁸.

4 Conclusões abertas

Em relação aos animais, por vezes somos aqueles que gritam perante o julgamento do inocente: “Crucifica-o! Crucifica-o!”. Somos aqueles que entregam Jesus a crucificação. Cabe-nos, portanto, após inteirarmo-nos da realidade, reconhecer a face da opressão, e romper com as práticas de sacrifício. Superar a tradição tal como Abraão o fez

³⁷ O veganismo é uma proposta de conduta ética que prega a libertação dos animais não-humanos por meio da abolição de todas as formas de exploração que lhes são impostas por nós. Na dieta vegana estão excluídos todos os ingredientes de origem animal, como ovos, laticínios e mel (e qualquer tipo de carne, evidentemente), além de itens que contenham ingredientes de origem animal. Quanto ao vestuário, não se utiliza couro (ou qualquer outro tipo de pele), lã ou seda e, no geral, quaisquer produtos ou itens que tenham sido testados em animais, ou que contenham ingredientes de origem animal (por exemplo, cosméticos, produtos de limpeza, aditivos de alimentos, objetos de decoração etc.). O princípio abolicionista, norteador do veganismo, exclui também o comércio de animais de estimação, o uso de animais para esportes ou diversão, a vivissecção, etc (BRÜGGER, Paula. Nós e os outros animais: especismo, veganismo e educação ambiental. In: *Linhas Críticas*, Brasília, v. 15, p. 197-214, jul/dez 2009, p. 13).

³⁸ RIECHMANN, Jorge, 2015a, especialmente p. 251.



recusando-se a oferecer seu filho. Denunciar a injustiça como sendo contrária a vontade de Deus, tal como fizeram os profetas. Colocar-se contra o sofrimento animal, ainda que se tenha de abdicar de seus próprios interesses. Superando a relação de dominação do ser humano com outros animais, passamos a realizar o encontro com “o outro”, que não se limita a um membro de nossa espécie.

Voltamo-nos para Cristo. Contemplamos sua expressão máxima de amor, reconciliando toda a Criação, entregando a própria vida. Que esta vida doada para a redenção de todos nos estimule a criar novas relações com os animais e os humanos, em vista de uma sociedade justa, solidária e sustentável.

Referências

BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

BRÜGGER, Paula. Nós e os outros animais: especismo, veganismo e educação ambiental. In: *Linhas Críticas*, Brasília, v. 15, p. 197-214, jul/dez 2009.

CORBISIER, Roland. *São Francisco*. São Paulo: Editora Três, 1973. (Grandes Personalidades de Todos os Tempos, 06).

FELIPE, Sônia T. *Por uma questão de princípios: alcance e limites da ética de Peter Singer em defesa dos animais*. Florianópolis, SC: Fundação Boiteux, 2003.

_____. Racionalidade e Vulnerabilidade. Elementos para a redefinição da sujeição moral. In: *Veritas*, Porto Alegre, v. 52, n. 1, p. 184 – 195. Março/2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/1868/1398>>. Acesso em: 19 set. 2016, às 21:43h.

_____. Ética Biocêntrica: Tentativa de superação do antropocentrismo e do sencientismo éticos. In: *ethic@*, Florianópolis, v. 7, n. 3, p. 01 – 07. Dez/2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/1677-2954.2008v7n3p1/21835>>. Acesso em: 19 set. 2016, às 22:33h.

MARTINS, Natália Luiza Alves. *A proteção jurídica dos animais no direito brasileiro: por uma nova percepção do antropocentrismo*. Dissertação de mestrado, UNIFOR, 2012.



PALHANO, Jerson José Darif; SANCHES, Mário Antonio. Sobre os animais não humanos: um resgate teológico. In: *Revista BioEthikos*, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 287-299, jul/set 2012.

PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'* – Sobre o Cuidado da Casa Comum. São Paulo: Loyola, 2015.

PROCÓPIO, Marco Túlio Brandão Sampaio. *Antropocentrismo e biocentrismo na Igreja Católica Apostólica Romana: uma análise do catecismo*. Monografia. Universidade Estadual de Montes Claros: Montes Claros, 2014.

RIECHMANN, Jorge. *Todos los animales somos hermanos*. Madrid: La Catarata, 2015a.

_____. *Un mundo vulnerable*. Madrid: La Catarata, 2015b.

SANTO AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*. Tradução, prefácio, nota biográfica e transcrições de J. Dias Pereira. vol. I. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

SUSIN, Luiz Carlos; ZAMPIERI, Gilmar. *A vida dos outros: ética e teologia da libertação animal*. São Paulo: Paulinas, 2015.

THE WORLDWATCH INSTITUTE. *Estado do Mundo. 2012*. Disponível em: <http://www.worldwatch.org.br/estado_2012.pdf>. Acesso em: 19 set. 2016, às 20h:35h.

ZAMPIERI, Gilmar. A Encíclica *Laudato Si'* e os animais. In: *Cadernos Teologia Pública*, ano XII, v. 13, n. 110, São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2016.

E-mails dos autores:

amurad@marista.edu.br

mtbsp88@yahoo.com.br